

Bird defende investimento em escola noturna

A meta é o atendimento da população de baixa renda, com reforço nos fins de semana

DEMÉTRIO WEBER

BRASÍLIA – Se quiser melhorar a qualidade do ensino médio e atender a população de baixa renda, o Brasil precisa investir nas escolas noturnas. A conclusão é de estudo conjunto do Banco Mundial (Bird) e do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), divulgado anteontem, sobre a educação no País.

O motivo é simples: a maior parte dos alunos de ensino médio freqüenta escolas noturnas – geralmente após trabalhar durante o dia. No ano passado, eram 4,2 milhões de estudantes. Ou seja, 54,5% do total de 7,7 milhões de matriculados. Mais da metade (57%) dos secundaristas que estudam à noite trabalha ou está à procura de emprego, realidade que atinge 23% dos alunos diurnos, segundo dados do relatório.

“O governante que realmente quiser investir no ensino médio para beneficiar os mais pobres terá que melhorar a escola noturna”, diz um dos autores de Educação Secundária no Brasil: Chegou a Hora, o especialista-sênior de educação do Bird, Alberto Rodríguez. O trabalho é assinado também pelo economista encarregado da Divisão de Programas Sociais do BID, Carlos Herrán.

Rodríguez ressalva que, em termos pedagógicos, os cursos diurnos são mais eficientes. Para ele, porém, o Brasil não tem, a curto prazo, como acabar com os cursos noturnos. Por isso, deve tratar de melhorá-los.

Adaptações – Os dois autores defendem a adaptação dos currículos à realidade dos estudantes do curso noturno, além de aulas de reforço nos fins de semana e a utilização de recursos de educação a distância.

“São alunos mais velhos, que trabalham e têm família para

sustentar”, observa Rodríguez, para quem a atuação de professores e os conteúdos ensinados devem considerar esses fatores.

“Se quiser melhorar o ensino médio terá de melhorar também o ensino fundamental e o superior”, afirma Marcio da Costa, professor da Faculdade de Educação da UFRJ. De acordo com ele, os alunos do ensino médio têm uma formação precária no nível fundamental e enfrentaram professores com formação universitária ruim. “Tudo está interligado”, afirma o especialista.

A educadora Guiomar Namo, diretora da Fundação Victor Civita e membro do Conselho Nacional de Educação, acredita que só nas escolas em que há maior número de alunos no noturno porque eles trabalham de dia é que deveria haver maior investimento. Para melhorar o ensino, Guiomar sugere conteúdos mais flexíveis relacionados com o “mundo do trabalho” do aluno. Aumentar a quantidade de aulas, usando o período das férias, é outra proposta da educadora.

CURSOS DIURNOS SÃO MAIS EFICIENTES

O office boy Anderson Martins, de 18 anos, preferia estudar de manhã, mas teve de mudar para a noite desde que começou a trabalhar há dois anos. “Até hoje, não houve um dia em que tivemos todas as aulas”, conta. Segundo ele, professores e alunos faltam muito. Já a vendedora Gisele Albuquerque, de 18 anos, que está na 3.ª série do ensino médio numa escola estadual no Tucuruvi, diz que as aulas noturnas são mais “práticas”. “Como os alunos são mais maduros, há mais discussões em classe.”

As irmãs Cilza e Rebeca Martins, de 19 e 21 anos, não trabalham, mas estudam à noite porque não conseguiram vagas no período da manhã. “No noturno tem muita bagunça e os alunos só estão lá pra conseguir o diploma”, reclama Cilza. (Colaboraram Roldão Arruda e Renata Cafardo)



Marcelo Ximenes/AE

Cilza e Rebeca estudam à noite, mas reclamam da bagunça e dos “que só querem saber do diploma”